

PAULINHO NOGUEIRA

Certa vez, num Dia das Mães, o cidadão Paulo Arthur Mendes Pupo Nogueira reuniu mulher e três filhos e, com a família completa, resolveu visitar a sua Campinas, no interior de São Paulo. De volta, encontrou sua casa paulistana arrombada, vazia de quase tudo. Tinham ido embora o aparelho de TV, o equipamento de som, quadros das paredes, os brinquedos das crianças e as jóias da mulher, Elza. Desesperado, Paulinho rebuscou salas e quartos à procura do que havia sobrado. Sobre sua cama, incólume, lá estava o seu violão. Foi o reencontro mais feliz de sua vida — apesar dos ciúmes domésticos que seu alívio provocou. Por via das dúvidas, desde essa data cruel ele nunca mais deixou o violão sem companhia.

Formidável ligação, essa, entre o músico e seu instrumento. Tão formidável, aliás, que em outra ocasião inesquecível, para melhor aperfeiçoar sua ligação com o objeto de sua arte e de sua sobrevivência, Paulinho Nogueira decidiu inventar seu instrumento mais especial, a sua marca registrada. Desenhista nas horas vagas, projetou sua obra-prima quando mal completara 22 anos de idade. Trata-se da craviola, cujo nome de batismo sugere, por si, a sonoridade que Paulinho Nogueira idealizou produzir: uma mistura das vibrações metálicas do cravo com a expressão pungente e doce das violas sertanejas do Brasil.

Na pesquisa, Paulinho Nogueira gastou vários anos e mais de cinquenta esboços diferentes. Finalmente, nas vésperas de 1970, com a ajuda indispensável e inestimável de Rômulo Giorgio, das indústrias

Giannini, chegou à definição precisa da craviola: "Na verdade, imaginei um instrumento que servisse para executar desde os prelúdios de Chopin até o jazz mais inquietante".

O lançamento oficial do instru-

mento ocorreu na boate Canto Terzo, em São Paulo, num show com a voz de Alaíde Costa e o conjunto competente do organista Renato Mendes. O espetáculo em que revelou a craviola representou um mo-



Paulinho Nogueira foi o inventor da craviola (vista ao fundo).

PERSONAGEM

mento particularmente comovedor na carreira de Paulinho Nogueira. Uma carreira que, de certa forma, brotou dentro de sua própria casa, em Campinas, onde nasceu, em outubro de 1929. A influência principal foi seu avô, de família respeitada na cidade, um homem que ajudou a escrever parte da história campineira com seus hábitos exóticos e pioneiros. Foi, entre outras coisas, o primeiro morador de Campinas a possuir uma radiovitrola — quer dizer, Paulinho cresceu rodeado pela música que, posteriormente, se transformaria na sua paixão e no seu ofício.

Depois de percorrer, ainda em Campinas, o trajeto corriqueiro dos principiantes — festinhas nas casas de amigos, na escola, programetos de auditório e assim por diante —, já mais confiante no seu domínio do instrumento e autor de meia dúzia de composições razoáveis, mudou-se em 1952 para a capital. Logo empregou-se como violonista da boate Itapoã. De lá para as rádios Bandeirantes e Gazeta foi um pulo.

Roberto Côrte Real, um dos responsáveis pelo selo Columbia no país, foi quem o ajudou a encontrar uma gravadora interessada em investir num jovem violonista. Já naquela época Paulinho tocava com o estilo que mais tarde o consagraria, e que lhe abriria as portas da turma da bossa nova.

Por sua habilidade como instrumentista e, principalmente, por seu temperamento calmo e acolhedor, Paulinho Nogueira rapidamente adquiriu, nos entornos do movimento em São Paulo, uma função bastante singular: professor de outros violonistas. Gostou. Passou a dar aulas com constância e metodologia. Ajudou a formar, por exemplo, profissionais de talento, como Toquinho e Macumbinha. Em 1969, lançou o “Método para violão de Paulinho Nogueira”, livro que viria a ultrapassar a marca de 150 mil exemplares vendidos. Participou, sempre que pôde, de encontros com estudantes e músicos jovens. E foi ganhando uma popularidade que ele mesmo



Como professor, Paulinho ajudou a formar diversos músicos, entre eles Toquinho.

não esperava arrebatar. Consequência: uma série de LPs muito vendidos. Mas foi somente em 1986 que o violonista teve a oportunidade de gravar, por um selo independente, seu primeiro disco exclusivamente instrumental: “Tons e Semitons”. Detalhe: cada álbum era acompanhado com um encarte, contendo as partituras das músicas executadas. Como justificou Paulinho, “para contribuir à formação dos violonistas”.

Modesto, contido, o músico não quis aproveitar-se das sucessivas explosões que se seguiram à bossa nova. Comportou-se sempre de maneira sossegada, como o seu toque no violão. Foi graças à sua calma, todavia, que encontrou tempo para aperfeiçoar um gênero que logo conseguiu seu lugar na MPB dos anos 60/70: a aproximação entre clássicos e populares. Fascinado pelo mestre Johann Sebastian Bach, Paulinho Nogueira desenvolveu uma longa fiada de obras baseadas nas fugas, nos prelúdios e nas cavatinas do gênio seiscentista — as suas “Bachianinhas”.

Tudo isso ele conseguiu com esforço e aplicação, as únicas regras que conhece — e sugere — para o domínio de um instrumento musical. “Violão, craviola ou qualquer outra coisa que produza um som musical, não um ruído, exige muita paciência e muito aprendizado”, ensina Paulinho. “Ser músico significa abraçar um ofício como qualquer outro. O torneiro mecânico tem de saber como sua máquina funciona. O piloto de Fórmula 1 tem de conhecer as minúcias e os limites de seu bólido. Com a música é a mesma coisa. Um bom ouvido representa apenas um começo, uma vantagem.”

Essa definição se encaixa perfeitamente no próprio estilo que Paulinho Nogueira foi aprimorando com o passar da vida. Estudando com afinco de 5 a 6 horas diárias, sem ceder ao brilho fácil das pirotecnias violonísticas, o músico desenvolveu um estilo enxuto, baseado na síntese das harmonias, na clareza dos acordes, na individualidade das notas. Um violão simples, sem rebuscamentos, mas extremamente sincero, como a sua personalidade.